

CARTOGRAFIAS E IMAGENS DA CIDADE NA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA

Fabio Gutemberg R. B. de Sousa*

Muito já se escreveu sobre cidades no Brasil e no mundo: Paris, Londres, Viena, Berlim, Rio de Janeiro, São Paulo, Recife, Salvador, Campinas, Porto Alegre, e poderia acrescentar a este pequeno rol uma relação que não caberia no espaço reservado para elas neste texto.¹ Os escritos sobre a cidade, no entanto, têm mudado com o tempo denunciando olhares bastante diversos, especialmente os que se voltam para a cidade moderna.² Após leituras sobre a cidade, fica a impressão da existência de fisionomias também diversas: cidade do progresso e civilização para certos olhares, cidade do capital e dos conflitos sociais para uns, cidade do espetáculo para outros, e ainda cidade disciplinar, só para citar os olhares que têm marcado com maior intensidade a historiografia brasileira e mundial nos últimos tempos.³

Este texto busca, a partir da pesquisa sobre uma cidade do Nordeste do Brasil, refletir em termos teórico-metodológicos sobre a historiografia brasileira que se voltou nas duas últimas décadas para o estudo da cidade. A questão central do meu trabalho de doutorado é a análise das múltiplas formas dos moradores viverem e usarem certos territórios da cidade de Campina Grande no período de 1920-1945 e as tensões e conflitos que marcam esses usos. Busco compreender tais questões analisando aspectos das atividades e práticas de pessoas, grupos sociais e profissionais quando usavam os espaços e territórios da cidade. Mas não me contento apenas em identificar a possível diversidade do uso dos territórios e suas tensões; penetro no mundo dos seus moradores para compreender como a polissemia de suas ações se espacializava ou constituía novas cartografias numa cidade em transformação.

As questões que nortearam minha pesquisa e os recortes metodológico e temporal levaram a diálogos diversos com a bibliografia que tem a cidade como palco principal ou como uma das suas preocupações. Comentarei, abaixo, estudos de três destas vertentes historiográficas.

* Professor do Departamento de História e Geografia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

¹ Este texto é uma versão modificada da Introdução da minha tese de doutorado, *Imagens e cartografias da cidade: Campina Grande – 1920-1945*. Doutorado em História, Campinas, Unicamp, 2001.

² Para uma visão panorâmica de diversas mudanças advindas com o surgimento das grandes e modernas metrópoles européias, ver BERMAN, Marshal. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986; CHOAY, Fraçoise. *O Urbanismo*. 4ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1997; SCHORSKE, Carl. *Viena fin-de-siècle*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988; ROLNIK, Raquel. *O que é cidade*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1988; BRESCIANI, Stella. *Paris e Londres no século XIX: o espetáculo da pobreza*. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987 e BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1991, vol. 3.

³ MOREIRA, Fernando Diniz. *A construção de uma cidade moderna. Recife (1909-1926)*. Mestrado em Desenvolvimento Urbano, Recife, UFPE, 1995:11-45, BRESCIANI, Stella “História e historiografia das cidades, um percurso” In FREITAS (org.), *Historiografia brasileira em perspectiva*. 1998:237-258 e RAMINELLI, “História urbana” In CARDOSO e VAINFAS (orgs.). *Domínios da história*. 1997:185-202, fazem três diferentes sínteses sobre as trajetórias e perspectivas teórico-metodológicas a partir das quais as cidades vêm sendo estudadas no Brasil e no mundo ocidental. Grande parte da discussão feita nesta introdução foi inspirada no texto de MOREIRA.

Nos anos oitenta do século XX, vários historiadores fizeram estudos e pesquisas inspirados no filósofo e historiador francês Michel Foucault, especialmente em obras como *Microfísica do poder* e *Vigiar e punir* (1977, 1984), estudos sobre o surgimento da medicina social, da prisão e da psiquiatria, entre outras formas de disciplinarização. No campo específico da história, vimos surgir *Do cabaré ao lar*, de Rago (1985), que é uma aproximação do pensamento de Michel Foucault com o do historiador inglês E. P. Thompson.⁴ No entanto, não há dúvida que ela pende mais para o lado do primeiro autor.⁵ O problema é inicialmente colocado com a reprodução de trechos e falas de membros da elite dominante que habitavam a Capital Federal, entre as últimas décadas do século XIX e as primeiras do XX, e que viam, entre estarecidos e revoltados (ou mesmo temerosos), o afluxo de imigrantes e a expansão e/ou proliferação de hábitos perniciosos para as elites do Rio de Janeiro do período.

Nas constantes adjetivações que acionam e constituem imagens negativas de certas práticas e atitudes de trabalhadores e não trabalhadores, a autora vai perceber a “formação nos inícios da industrialização no Brasil ... [de] uma vasta empresa de moralização”, que teria como objetivo principal a constituição de “uma nova figura do trabalhador, dócil, submisso, mas economicamente produtivo” (RAGO, 1985:12).

Como ficou dito atrás, o trabalho de Rago é moldado por um arcabouço teórico-metodológico que tem em Michel Foucault o seu principal expoente, arcabouço elaborado no seio da crítica ao advento da sociedade burguesa moderna e aos seus múltiplos mecanismos de normatização da vida dos indivíduos. Não é difícil perceber como a inflação e repetição constante de termos como mecanismo, dispositivo, tecnologia disciplinar, práticas e relações de poder, exercício de poder e saber faz parte de uma forma/modelo de compreender o advento da sociedade moderna, em que se denuncia que esta não inaugura um novo tempo de liberdade e autonomia para o homem, tal qual prega o pensamento Iluminista, mas, contrariamente, torna-o prisioneiro de toda uma complexa rede de poderes, que é, sobretudo, disciplinar e que não se pode combater de fora, pois envolve a todos na sociedade e dissemina-se por todos os espaços e instituições sociais, modelando o próprio corpo, especialmente através de micropoderes presentes nas relações cotidianas na família, escola, trabalho, lazer, arquitetura e organização do espaço.⁶

⁴ Para um balanço da aproximação entre Thompson e Foucault nos anos 1980, ver RAGO, Margareth “O efeito-Foucault na historiografia brasileira”, in *Tempo Social*, Revista de Sociologia da USP, vol. 7, n° 1-2, out/1995:67-82.

⁵ Não só em *Do cabaré ao lar*, mas, sobretudo em seus trabalhos posteriores RAGO terminou aproximando-se cada vez mais das idéias centrais do pensamento de Foucault, o que significou também redefinições na sua leitura do filósofo francês: ver *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991; “As marcas da pantera: Foucault para historiadores” In *Revista Resgate*, n° 5, Campinas, SP: Centro de Memória/Papirus, 1993, pp. 22-32 e op.cit., out/1995.

⁶ Ver comentários críticos que faço em SOUSA, Fabio G. R. B. de. “A historiografia brasileira e a noção de ‘poder disciplinar’” In *Saeculum*: Revista de História, dezembro/2000:75-100.

Nos anos noventa Michel Foucault continuou inspirando estudos e pesquisas de pós-graduação em história no Brasil.⁷ Podemos acompanhar mais um deles em *Imagens da cidade. Séculos XIX e XX*, número especial da Revista Brasileira de História, organizado por Bresciani (1994). Em "Imagens do conforto: a casa operária nas primeiras décadas do século XX em São Paulo", Carpintero (1994:123-146) concebe os projetos de urbanização das grandes cidades modernas como parte de estratégias de dominação e controle social dos operários, articuladas no discurso de sanitaristas, higienistas, engenheiros, arquitetos etc. Estes profissionais, formados nos preceitos modernos de intervenção técnica e científica na sociedade, constroem um modelo de comportamento fundamentado na denúncia de práticas e hábitos sociais vistos como desviantes e anti-higiênicos.

Construindo imagens negativas das formas de trabalhar, habitar e viver dos pobres, operários e trabalhadores, os técnicos assumem um papel estratégico na sociedade, que é o de detectar práticas desviantes e corrigi-las, elaborando políticas públicas que interfiram no cotidiano dos trabalhadores e operários, com vistas a transformá-los em trabalhadores dóceis e produtivos. Por outro lado, a autora contrapõe ao discurso higienista e disciplinar as imagens presentes nos textos de operários e demais trabalhadores, definindo como um dos seus objetivos "desvendar mais uma dentre as tramas que envolveram nos anos 20, a gestão de uma nova política urbana na cidade de São Paulo" (CARPINTERO, 1994:124-125).

No geral, a obra de Michel Foucault inspirou um conjunto de historiadores, psicólogos e filósofos que apreenderam o advento da sociedade burguesa no Brasil a partir da constituição de estratégias disciplinares e de mecanismos de controle social dos comportamentos vistos como desviantes, anti-higiênicos e perigosos.⁸ Na minha pesquisa, diferentemente, interessam "os significados culturais diversos e conflitantes que permeavam as práticas sociais" em Campina Grande no período de 1920-1945. Portanto, de modo diverso dos autores que dão ênfase à rede disciplinar, me interesse pelas atitudes dos moradores que a rompiam, iam de encontro a ela, ressignificando seus fios e enleios, dando-lhes dimensão polissêmica.

Outra vertente que preconiza um novo olhar sobre a cidade foi constituída pela recepção no Brasil da obra do pensador, escritor e crítico da cultura Walter Benjamin. Vários foram os historiadores, filósofos e cientistas sociais brasileiros que procuraram inspiração nas obras de

⁷ Além do trabalho abaixo comentado, ver PONTE, Sebastião Rogério. *Fortaleza Belle Époque: reformas urbanas e controle social (1860-1930)*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/Multigraf Ed. Ltda, 1999, ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval. *Falas de astúcia e de angústia*. Mestrado em História, Campinas, Unicamp, 1988 e DINIZ, Ariosvaldo da S. *A maldição do trabalho (homens pobres, mendigos e ladrões... no imaginário das elites nordestinas - 1880-1930)*. Mestrado em Ciências Sociais, João Pessoa, UFPB, 1988. Ver também a Revista *Tempo Social* e a coletânea *Retratos de Foucault* em que historiadores, filósofos, linguistas, psicólogos etc. avaliam as contribuições de Foucault para suas respectivas áreas.

⁸ Ver SOUSA, op. cit., dezembro/2000, em que analiso a apropriação das obras de Michel Foucault por alguns historiadores brasileiros.

Benjamin para refletir as mudanças ocorridas na sociedade, especialmente nas nossas grandes cidades, muito embora a dimensão caleidoscópica de sua obra tenha inspirado leituras sobre empreendimentos em locais tão díspares como as cidades de Londres e Paris (BRESCIANI, 1987), São Paulo (SEVCENKO, 1992 e BOLLE, 1994) e a construção da estrada de ferro Madeira-Mamoré nos confins da Amazônia (HARDMAN, 1988).⁹

A leitura empreendida por Sevcenko (1992) analisa o caráter fremente da urbanização em São Paulo nos anos 1920 em suas relações com as vanguardas européias, a dissolução da cultura do século XIX e o surto de modernismo paulista. Nela observa-se a dissolução de uma cultura baseada na razão, na palavra e na tradição neoclássica do século XIX frente a uma nova ordem, de caráter essencialmente urbano, das grandes metrópoles e de seu ritmo frenético e desorientador. A cidade se transforma em um palco de ação teatral da modernidade, no qual a população sofre um sentimento de desenraizamento, de perda de individualidade, de grandes mudanças na percepção e circulação urbana. Uma perda de identidade, certamente, mas também uma construção de novas identidades já integradas à modernidade, além do resgate de novas sensibilidades (1992:33).

Apesar do caráter emblemático, há dois aspectos que são passíveis de indagações no trabalho de Sevcenko: o primeiro associa-se ao uso do *corpus* documental. É importante compreender o significado que teve o surgimento de uma nova sensibilidade com o advento do mundo moderno e do modo como essa sensibilidade foi expressa pelos olhares dos letrados, mas não se deve negligenciar as leituras diversas e as práticas que destoam desse olhar moderno, mostrando as tensões que ocorrem quando diferentes formas de viver e usar a cidade se encontram. Para isto, além dos jornais e obras literárias, que são os canais privilegiados para observar o novo olhar que se espalha entre letrados, aspectos do cotidiano dos moradores da cidade podem ser investigados através dos processos criminais que apresentam uma dimensão que vai além do que a imprensa possibilita, ampliando o espectro dos olhares e experiências vivenciadas com o advento do mundo moderno nos trópicos.

O segundo aspecto está associado ao recorte metodológico e espacial. Um olhar benjaminiano sobre grandes cidades e capitais brasileiras em momentos de frenéticas mudanças dificilmente se adequa à experiência da Campina Grande e da maioria das cidades brasileiras nas primeiras décadas do século XX, onde se percebe no meio do crescimento populacional e das reformas por que passam, formas peculiares de acomodação entre valores e símbolos modernos e práticas culturais anteriores, o que lhe dá uma dimensão diferente das que ocorriam em cidades com

⁹ Ver BRESCIANI, 1987; SEVCENKO, 1992; BOLLE, 1994 e HARDMAN, 1988.

vertiginoso crescimento, como Londres, Paris, Rio de Janeiro e São Paulo.¹⁰ Campina Grande e outras cidades brasileiras seguiram caminhos e ritmos próprios.¹¹

Para continuar o diálogo com historiadores brasileiros, vou fazer um outro movimento, afastando-me das grandes metrópoles européias e do sudeste brasileiro nas décadas iniciais do século XX. O diálogo, agora, envolve pesquisas realizadas nos anos 1990 sobre a cidade de Recife entre o crepúsculo do século XIX e as primeiras décadas do século XX.¹²

Em *(Des)encantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte*, REZENDE (1992) se volta para a análise da sociedade recifense e, de forma mais geral, para as formas como representava o moderno e o tradicional, o novo e o velho (1992:03). Combinando a noção de imaginário social, presente na obra de Cornelius Castoriadis, com as críticas benjaminianas ao advento da sociedade moderna, o autor vai se voltar para as representações das elites intelectuais da época e as tensões que viviam em uma cidade que passava por transformações modernizantes, mas que tinha uma sólida intelectualidade voltada para a defesa da tradição, capitaneada por Gilberto Freyre.

Escrito sob o impacto da discussão da crise da modernidade e, por extensão, de tradicionais paradigmas das ciências sociais e da história, o trabalho de Rezende tem sua riqueza e limites extraídos desse tempo de incertezas, onde "o estatuto da verdade passa a ser pensado nas relações diretas com as estratégias de poder". No Brasil, é um momento de efervescência entre historiadores, em que se põem em xeque paradigmas voltados para a compreensão total da sociedade e que concebiam a história numa perspectiva unilinear. Contrapondo-se a estas concepções, o autor defende a idéia da sociedade movida por sonhos e projetos diversos e marcada por contradições e lutas, o que significa dizer que a "verdade" ou os fatos históricos são vivenciados diferentemente pelas pessoas e grupos sociais, e é o resgate dessa multiplicidade que deve mobilizar o historiador.

Duas questões me distanciam do texto de Rezende: por um lado, ele acompanha as mudanças modernizantes de Recife na historiografia que tem nos conceitos de modernidade e pós-modernidade o centro da discussão; por outro, analisa os embates e tensões no seio das elites, deixando em um segundo plano as suas implicações para a vida de parcelas significativas da sociedade recifense nos anos vinte, perdendo de vista aspectos cruciais da multiplicidade sócio-

¹⁰ Para uma instigante discussão e operacionalização do conceito de modernidade em estudo de cidades do Norte/Nordeste do Brasil, entre o final do século XIX e as primeiras décadas do XX, ver ARANHA, Gervácio Batista. "Seduções do moderno na Parahyba do norte: trem de ferro, luz elétrica e outras conquistas materiais e simbólicas (1880-1925)" In *A Paraíba no Império e na República: estudos de história social e cultural*. João Pessoa: Idéia, 2003:79-132.

¹¹ Ver SOUSA, Fabio G. R. B. op. cit., 2001 e ARANHA, Gervácio Batista, op. cit., 2003.

¹² Ver REZENDE, Antonio Paulo. *(Des) encantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte*. Doutorado em História, São Paulo, USP, 1992 e ARRAIS, Raimundo Alencar. *Recife: culturas, confrontos, identidades*. Mestrado em História, Recife, UFPE, 1995.

cultural na cidade em mudança, aspecto fundamental da minha pesquisa.

Neste aspecto, *Recife: culturas, confrontos, identidades*, de Arrais (1995), amplia o diálogo. Ele volta-se para o lugar e papel autônomo desempenhado pelas camadas populares no episódio da campanha salvacionista de 1911 em Pernambuco, que derrubou o domínio de cerca de duas décadas do Conselheiro Rosa e Silva e levou Dantas Barreto ao governo do Estado.

Há duas idéias centrais neste trabalho. Em primeiro lugar, a importância de resgatar a diversidade de experiências e projetos das camadas populares em episódios que normalmente costumam subordinar ou diluir no seio de projetos dos grupos dominantes, e que uma certa leitura marxista abandonou, por fazer parte de uma suposta dominação ideológica das elites (que, nesta visão, sempre consegue levar a reboque os trabalhadores, transformados em meras tábuas rasas ou consumidores passivos de sua ideologia). Arrais faz uma leitura na contramão destas visões. Buscou nos canais e espaços de sociabilidade cotidiana das camadas populares urbanas do Recife (como clubes carnavalescos, pastoris, bandas de música, mamulengos e festas religiosas) o cerne das experiências que vão ser acionadas na campanha salvacionista de Pernambuco, em 1911 (ARRAIS, 1995:164-178).

Em segundo lugar, a preocupação, mesmo que superficial (especialmente por conta da escassez de documentos), em resgatar a diversidade e os conflitos no seio das próprias camadas populares, chamando a atenção para a idéia de que elas não agiam homogênea e monoliticamente, o que significa trabalhar de uma nova perspectiva, com conceitos como identidade e cultura, lidos no plural.¹³

Algumas questões sugeridas por Arrais colocam o diálogo no campo da história social. Neste sentido, foi fundamental o diálogo com autores como Chalhoub (1986 e 1990), Esteves (1989), Lanna (1996) e Rolnik (1997). Preocupados com o cotidiano dos trabalhadores e com a experiência de grupos sociais e étnicos diversos, entre a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do XX, esses autores deixam ensinamentos metodológicos diversos. Amparados em densas e sólidas pesquisas, em que os processos criminais têm um papel crucial, combinam a problematização do tema e certas leituras na “contramão”, com preocupações metodológicas que têm no seu centro a busca de tensões e conflitos em torno de significados gerais que permeiam a vida social em períodos de mudanças.¹⁴

Ao mesmo tempo, recuperam aspectos da experiência de grupos sociais diversos, dando uma dimensão humana aos personagens que viveram a época,¹⁵ o que abre um amplo caminho, que

¹³ Ver também críticas de DESAN a E. P. Thompson e Natalie Zemon Davis In HUNT, Lyn. (org). *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992:63-96.

¹⁴ Dos quatro autores acima referidos, apenas ROLNIK, Raquel. *A cidade e a lei*. São Paulo: Studio Nobel/FAPESP, 1997 não utilizou processos criminais em sua pesquisa.

¹⁵ Aspecto crucial dos trabalhos de CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim*. São Paulo: Brasiliense, 1986; *Visões da liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990; LANNA, Ana. *Uma cidade na transição: Santos (1870-*

busquei trilhar em meu trabalho, muito embora tenha envidado esforços para fazê-lo com passos próprios. Destaco dois aspectos metodológicos a diferenciar o caminho seguido. Primeiro, diferentemente de Chalhoub (1986) e Lanna (1996), dei ênfase tanto aos trabalhadores e populares como às elites em suas tensões e andanças pela cidade; segundo tento uma aproximação diferente com grupos específicos, como donas de casas, agricultores, carregadores etc., o que, na minha compreensão, redimensiona conceitos e noções como classes trabalhadoras, populares e pobres, comuns entre historiadores sociais brasileiros. Optei por adentrar o que essas noções e conceitos sugerem quando se reconstitui aspectos da vida dos trabalhadores e moradores da cidade.

Para tanto busquei reconstituir aspectos da vida de pessoas e grupos com o objetivo de trazer à cena suas práticas de solidariedade e conflitos, o trabalho e os usos que faziam da casa, da rua e de alguns territórios da cidade. Com isto, foram feitos dois movimentos: primeiro, diferentemente de trabalhos que concebem a cidade como algo abstrato e homogêneo, descendi aos seus recônditos e explicito a sua diversidade social; segundo, além desta intenção geral, recuperei a diversidade trazendo para o centro da discussão grupos específicos e suas tensões e conflitos internos, o que contribui para se compreender a diversidade por um caminho diferente daquele que parte da historiografia brasileira tem feito.¹⁶

1913). São Paulo-Santos: Hucitec/Prefeitura Municipal de Santos, 1996; e ESTEVES, Martha Abreu. *Meninas perdidas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

¹⁶ ARRAIS, 1995, é um dos autores que reconhece os limites do seu exercício ao reconstituir as práticas culturais das camadas populares sem, no entanto, adentrar suas tensões internas, o que atribui à precariedade das fontes que não permite fazê-lo.